



A Escola Informada
 Como se pode ensinar Matemática? Há quem diga que não se pode ensinar Matemática sem o uso de algum modo, porque de um lado o aluno precisa de um suporte visual para compreender o conteúdo.
 1997, 43, 1-2, Associação de Professores de Matemática

Revista da Associação de Professores de Matemática

EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Paulo Abrantes

Redacção
Adelina Precatado
Alexandra Pinheiro
Ana Boavida
Ana Paula Canavarro
Ana Vieira
Helena Amaral
Helena Lopes
Henrique M. Guimarães
Maria José Boia

Colaboradores permanentes

A. J. Franco de Oliveira
Matemática

Eduardo Veloso
 “Tecnologias na Educação Matemática”

José Paulo Viana
 “O problema deste número”

Lurdes Serrazina
A matemática nos primeiros anos

Maria José Costa
História e Ensino da Matemática

Entidade Proprietária
Associação de Professores
de Matemática

Tiragem
4200 exemplares

Periodicidade
Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,
Set/Out, Nov/Dez

Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
N° de Registo: 112807
N° de Depósito Legal: 91158/95

Correspondência
Associação de Professores
de Matemática
Esc. Sup. de Educação de Lisboa
Rua Carolina Michaelis de
Vasconcelos — 1500 Lisboa
Tel/Fax: (351) (1) 7166424
e-mail: apm@mail.telepac.pt

As duas faces da escola

Paulo Abrantes

1. Numa recente deslocação ao Norte, em conversa com alguns professores, fiquei a saber que, em várias zonas do país, a *moda* já não é ter um mas sim dois explicadores de Matemática: o primeiro para explicar a teoria e o segundo para ensinar como se fazem os exercícios. Não sei até que ponto esta prática está generalizada. Mas não deixa de ser impressionante que exista um sistema paralelo à escola, desenvolvendo-se de acordo com as suas próprias regras, considerado *natural* por muitos dos envolvidos (incluindo os pais dos alunos que pagam os seus custos) e tendo como actores, frequentemente, professores que nunca têm tempo para actividades escolares fora do seu concentrado horário semanal. Confesso que me incomoda que esse sistema se expanda, ao lado de uma escola onde os apoios pedagógicos funcionam precariamente e muitas vezes sem despertar qualquer entusiasmo.

Há poucos dias, um professor dirigiu-se a um centro informativo do Ministério e pediu o novo programa do secundário. A funcionária, com vontade de ser útil, sugeriu que, provavelmente, ele não queria o programa mas sim uma colecção de pontos de exame ou a prova modelo. Realmente, quem é que quer um programa havendo manuais e colecções de testes à venda? Ainda há menos de um ano, quando o Ministério elaborou orientações para a gestão dos programas, as editoras apressaram-se a protestar, não porque questionassem o conteúdo das orientações mas, no fundo, porque a medida poderia prejudicar a imagem de “programa oficial” dos seus manuais.

2. Também recentemente, visitei uma escola onde decorre um projecto de um currículo alternativo. Falando com professores e alunos, percebi algumas implicações do trabalho que os professores realizam com uma turma de 15 alunos, todos com experiências de sucessivas repetências no 5º ano provocadas por modos de vida que pouco passam pela escola. Conseguir que estes alunos se reintegrem na escola e façam aprendizagens significativas requer um enorme esforço em termos não apenas de concepção curricular, discussão e persistência mas também de predisposição para conviver com situações muito difíceis e enfrentá-las. Duas horas de redução, rapidamente gastas numa parte das reuniões que fazem, não chegam a ser uma compensação para o acréscimo de trabalho e de pressão que a situação acarreta.

Pode-se argumentar que este tipo de trabalho faz parte da profissão. Na verdade, o professor não é um técnico que debita conhecimentos numas salas de aula mas antes um profissional que identifica problemas educativos e assume um papel activo na sua resolução. Porém, nas condições difíceis em que trabalham, ao lado daqueles que fogem das situações que obrigam a passar muitas horas na escola, o profissionalismo destes professores — que é, felizmente, extensivo a outros tipos de problemas e outras escolas — não deixa de ser algo que vale a pena sublinhar.

3. Quando falamos da escola, estamos a referir-nos a quê? À escola onde os professores procuram encontrar respostas para os problemas dos seus alunos e orientações curriculares adequadas para as suas aulas? Ou à escola das colecções de pontos e das explicações, onde os programas pouco importam e os apoios são uma chatice?

A nossa escola tem duas faces. Resta saber como reagimos a isso. ■